



#cm
2
FIM DE SEMANA

ENFIM JUNTOS

Estrelas da TV, **Antônio Fagundes e Cristiane Torloni** dividem o palco **pela primeira vez** na comédia 'Dois de Nós', **que estreia no Teatro Casa Grande nesta quinta-feira (23)**. A montagem celebra os **60 anos de carreira de Fagundes**. Página 2

Renata Casagrande/Divulgação



Cristiane Torloni, Alexandra Martins, Thiago Fragoso e Antonio Fagundes na comédia 'Dois de Nós'

Uma parceria de longa data

Espetáculo celebra os 60 anos de carreira de Fagundes e os 45 de Cristiane Torloni

Depois de passar por São Paulo e 10 cidades brasileiras, além de 11 cidades em Portugal, a comédia "Dois de Nós" chega ao Rio a partir desta quinta-feira (23) no Teatro Axia Casagrande, no Leblon. A peça reúne Antonio Fagundes e Cristiane Torloni em seu primeiro encontro nos palcos — uma estreia que marca também o retorno de Fagundes ao teatro com texto de autor brasileiro após 22 anos.

O elenco completa-se com Thiago Fragoso e Alexandra Martins. Fragoso trabalhou com Fagundes na novela "Amor à Vida" (TV Globo), enquanto Martins é

parceira de longa data do ator em produções de sucesso como "Baixa Terapia" (2017-2023), que arrebatou 450 mil espectadores em 600 apresentações entre Brasil, EUA e Portugal. Martins também estreia como produtora executiva do espetáculo.

A história, escrita por Gustavo Pinheiro e dirigida por José Possi Neto, coloca dois casais de gerações diferentes em um quarto de hotel. Segredos e mentiras vêm à tona, revelando um turbilhão de sentimentos que muda as vidas dos personagens. "A peça propõe um jogo muito prazeroso e divertido para os atores e mais ainda para a plateia", avisa Fagundes. O texto aborda temas comuns aos relacionamentos — rotina, filhos, dinheiro, desejo sexual, frustrações — sob a perspectiva das mudanças rápidas de comportamento da atualidade.

Fagundes e Torloni têm longa história de trabalho conjunto na televisão. Contracenaram pela primeira vez na série "Amizade Colorida" (1981) e depois na novela "Louco Amor", ambas da TV Globo. No cinema, fizeram "Besame Mucho" (1987). Há 30 anos, em 1994, formaram um dos

“Noves fora as rabugices e implicâncias que nos fazem morrer de rir, assistimos o desnudar de quatro personagens revelando suas dores e mazelas, suas vitórias e alegria”

JOSÉ POSSI NETO

casais mais memoráveis da tele-dramaturgia brasileira — Dinah e Otávio em "A Viagem". O último encontro diante das câmeras foi em "Velho Chico" (2016), também da Globo. A peça celebra os 60 anos de carreira de Fagundes e os 50 de Torloni, além dos 45 anos de amizade e parceria profissional entre ambos. "Estar com o meu querido Antonio Fagundes em 'Dois de Nós' tem sido uma celebração dos nossos aniversários de carreira! Uma provocação para uma viagem ainda mais bonita. Dessa vez pelos palcos, nossa casa, compartilhando emoções com novos companheiros como Alexandra e Thiago e... mais um reencontro com meu delicioso e rigoroso diretor, amigo, irmão,

José Possi", comemora Torloni.

"Dois de Nós é uma comédia que impõe e expõe ao espelho a história de dois casais contemporâneos e essencialmente brasileiros. Noves fora as rabugices e implicâncias que nos fazem morrer de rir, assistimos o desnudar de quatro personagens revelando suas dores e mazelas, suas vitórias e alegria", destaca Possi Neto.

O projeto nasceu em julho de 2023, durante o Ciclo de Leituras do Teatro Adolpho Bloch, no Rio, onde peças inéditas são lidas gratuitamente. Na leitura de "Dois de Nós", os 350 lugares do teatro lotaram e outras 200 pessoas ficaram de fora. A resposta do público foi decisiva para que a montagem saís-

se do papel. Pinheiro, que também assina os sucessos "A Tropa" e "A Lista", conheceu Fagundes e Alexandra quando assistiram a "A Tropa" em 2017. Desde então, os três cultivavam a vontade de trabalhar juntos.

A direção de José Possi Neto renova sua parceria com Torloni, com quem trabalhou em peças como "O Lobo de Ray-Ban" (1988), "Salomé" (1997), "Joana D'Arc" (2000), "Mulher por um Fio" (2005) e "Master Class" (2015-2019). É o primeiro trabalho de Possi Neto com Fagundes. A ficha técnica inclui Fábio Namatame (figurinos e cenário), Wagner Freire (desenho de luz) e André Abujamra (música original).

A peça oferece experiências além da plateia. O público pode visitar os bastidores antes das sessões, com tour guiado por Fagundes, acesso aos camarins, coxias e sessão de fotos (limitado a 40 participantes, com chegada uma hora e meia antes do espetáculo). Ao fim de cada sessão, o elenco participa de bate-papo informal com a plateia — realizado por liberalidade da produção e sujeito à disponibilidade de agenda dos atores.

SERVIÇO

DOIS DE NÓS

Teatro Axia Casagrande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290/ Loja A, Leblon)
De 23/7 a 9/8, quinta a sábado (20h) e domingo (17h)
Ingressos: Plateia VIP R\$ 230 / R\$ 115 (meia); Setor 1 - R\$ 210 / R\$ 105 (meia); Balcão Setor 2 - R\$ 180 / R\$ 90 (meia); Balcão Setor 3 - R\$ 160 / R\$ 80 (meia); Bastidores - R\$ 140

ENTREVISTA | MAURÍCIO MANFRINI (PAULINHO GOGÓ)

COMEDIANTE

‘Contar uma história engraçada, dar risada, tá ficando meio proibido’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Nem a hipótese de a Argentina ganhar a Copa do Mundo (de novo... na cola da vitória de 2022), neste domingo, vai abalar a gargalhada de quem passar pelo Teatro Bangu Shopping, neste sábado, às 19h, para conferir Maurício Pereira Ribeiro Manfrini fazer da vida a maior diversão. Na pele de Paulinho Gogó, ele faz o mau humor cantar pra subir.

Aos 56 anos, esse rapsodo com origens na Baixada Fluminense testou nas ondas curtas da Tupi as peripécias picarescas de seu Zé Pelintra de bordões inesquecíveis. Foi para o liceu do Professor Raimundo em 2001 e, na sequência, caiu no banco da “Praça É Nossa”, onde edificou sua popularidade, depois aprovada pela cinefilia nacional. Manfrini tem filme a rodo para lançar este ano.

No papo a seguir, a gente fica sabendo as boas dele e de seu adorável malandro.

Onde é que o Maurício e o Gogó se misturam?

Maurício Manfrini - Os dois são meio que extremos. A única pouca semelhança é o bom humor. Apesar de eu, Maurício Manfrini, ser uma pessoa tímida, sou muito bem-humorado também. Eu acho que é esse bom humor que se mistura com o personagem do Paulinho.

O Brasil é engraçado? O que mais te faz rir com o que somos como nação e do que somos?

Ah, o Brasil é muito engraçado. O povo brasileiro é muito bem humorado, geralmente. Mas o que me faz rir bastante no Brasil, inegavelmente, são os políticos. Temos políticos muito engraçados, né? É meio clichê isso, mas não tem como fugir, pois eles são até grandes concorrentes da classe humorística, né? E isso atrapalha bastante o Brasil como nação. Apesar das dificuldades, somos uma nação legal, que poderia estar muito mais longe do que está. Tem muito para caminhar ainda... e vai demorar um pouquinho, mas eu acho que a gente vai conseguir. Eu sempre torço para o melhor.

Teu humor pertence ao da tradição dos rapsodos, dos contadores de causo. Você é como o Pantaleão. Onde é que busca essas histórias que divertem o Brasil todo?

O meu tipo de humor veio do rádio. Eu trabalhei 21 anos na Super Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, no programa “Patrulha da Cidade”. É um programa policial humorísti-

co, ao vivo de um grande sucesso. O rádio te ensina muito a elaborar as histórias, a burilá-las. Depois, com o tempo, trabalhando na “Escolinha do Professor Raimundo”, em 2001, com grandes feras do humor, como Rogério Cardoso, Francisco Milani, Dicró, Pedro Bismarck, Fafy Siqueira, Lúcio Mauro... e o próprio Chico Anysio... eu, naturalmente, fui aprendendo a desenvolver as histórias, a desenvolver os causos... ou, como diz o Paulinho Gogó... os fatos venéreos. Isso foi me deixando cada vez mais apurado para poder perceber nas pessoas onde poderiam sair boas histórias. Eu ouço muito. As pessoas chegam até mim para me contar coisas. “Ó, aconteceu isso na minha família... aconteceu isso com meu primo... aconteceu com minha esposa... aconteceu com meu pai”. Eu sempre ouço, vou captando, vou absorvendo e acabo transformando os relatos em histórias. E tem também as piadas clássicas, que eu vou humanizando.

Você já viveu, no palco, algum “fato venéreo” digno das tuas histórias?

Eu estava no Teatro Bibi Ferreira, se eu não me engano, em 2010, em São Paulo. Eu fazia show lá toda quinta-feira, no horário de onze da noite. E aí, um dia, eu cheguei do Rio, e o meu produtor falou que tinha acontecido um problema muito sério. Estava tendo um espetáculo antes, “Aurora da Minha Vida”, que era das nove às onze e meia. Eu entrava na sequência. Naquela ocasião, quando o meu show ia come-



Divulgação

“Temos políticos muito engraçados, né? É meio clichê isso, mas não tem como fugir, pois eles são até grandes concorrentes da classe humorística”

çar, meu produtor falou que uma senhora passou mal na rua. A família veio socorrer, tentou levar para o hospital, mas, como ela não estava aguentando, pediram ajuda a um carro de polícia, que ficava em fren-

te ao Bibi Ferreira. Colocaram essa senhora para dentro do teatro e, ali, ela não suportou. Estava infartando, pelo que me parece, e veio a falecer. Não há nada de engraçado nisso, mas tem uma situação dife-

rente nessa história. Eu não queria fazer o show, mas o público já tinha entrado. Os parentes, dizendo que a mulher era minha fã, não queriam impedir que a apresentação acontecesse e pediram que eu seguisse e fizesse o show. Acabou que eles ficaram velando a senhora num canto do teatro e eu fiquei no palco. Ninguém na plateia estava vendo aquela situação, mas eu sabia. A família pediu pra eu fazer o show... e eu fiz.

O Brasil precisa do teu humor e te devolve essa necessidade com muita fidelidade ao teu trabalho. Mas como regar essa relação com o público? Como manter o frescor?

O Brasil não precisa somente do meu humor, precisa do humor de todos os humoristas. O Brasil precisa rir mais, as pessoas precisam se divertir mais. As pessoas precisam dar gargalhadas, porque faz muito bem. Hoje em dia, parece que somente se pode fazer a pessoa chorar. O Rodrigo Marques, humorista maravilhoso de quem sou muito fã, tem um texto sobre isso, sobre essa coisa de que hoje só é permitido fazer chorar, contar doença triste. Só se fala de doença, de traição, tragédia. Agora, contar uma história engraçada, dar risada, isso tá ficando meio que vigiado, meio proibido. O riso acalma o espírito, a alma. Eu sempre busquei fazer as pessoas se divertirem, desde a época do rádio. Quem gosta do Paulinho Gogó, gosta do jeito que ele é, e nunca me foi pedido que mudasse algo. Eu apenas retribuo o carinho do público. Para manter o frescor, sempre tento levar linguagem novo para o personagem, trazendo umas analogias diferentes, umas histórias que acho que vão agradar o público.

O que você tem de filme pela frente este ano?

O cinema agregou muito a minha vida profissional, primeiro com “Os Farofeiros”, que fiz sob a direção do Roberto Santucci, com um elenco sensacional. Fizemos o dois e vem agora “Os Farofeiros 3”, que a gente filmou no Caribe. Agora em novembro, eu tenho “Picaretas Não Vão Pro Céu”, que é um filme que eu fiz com o Tirullipa, na qual nós somos dois bandidos pé-rapados. Eu finjo ser padre e ele, coroinha. Tenho ainda “Marido de Aluguel”, “Mentira Tem Perna Curta” e “Missão 171”, em que eu faço o Tony Cruz, numa brincadeira com Tom Cruise.

SERVIÇO

SÓ E BEM ACOMPANHADO
Teatro Bangu Shopping
18/7, às 19h
Ingressos a partir de R\$ 45

CRÍTICA TEATRO | INCONDICIONAIS

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Um dos melhores representantes do teatro de pesquisa carioca, a companhia Amok reverbera sólida trajetória artística, debruçando-se sobre o trabalho do ator e linguagens da cena, mantendo sede própria em Botafogo. Desde 1998 fulguram no repertório obras como o ótimo “Cartas de Rodez”, “O Carrasco”, “Macbeth” e muitos outros como “Furacão”, acumulando os mais renomados prêmios do país, realizando turnês nacionais e internacionais.

Com dramaturgia e direção do duo criador Ana Teixeira e Stephane Brodt, o público é presenteado e convidado a refletir sobre as agruras que perpassam o sistema prisional feminino no potente “Incondicionais”. A narrativa, sob caráter documental, é inspirada nos livros: “Cadeia – Relatos sobre mulheres, de Debora Diniz, “Prisioneiras”, de Dráuzio Varella, “Presos que Menstruam”, de Nana Queiroz e “Prisioneiras – Vida e violência atrás das grades”, de Bárbara Musumeci Soares e Lara Ilgenfritz.

Espelhando-se numa realidade nua e crua, o texto, que também foi alicerçado a partir de artigos, depoimentos, entrevistas, alça voos dramaturgicos através do macrocosmo violento que expõe o regime carcerário e suas peculiaridades aterradoras. Ao estimular a reflexão, com sensibilidade, a escrita oportuna desvela situações-limite, pelas quais a justiça possa vir a encontrar probabilidades mais



Entre fardas escuras e jalecos brancos, a Cia Amok discute racismo, maternidade, direitos humanos em ‘Incondicionais’

Invisibilidade SOCIAL

humanitárias, a fim de minimizar o suplício daquelas mulheres tão invisibilizadas, antes mesmo da condenação judicial.

A direção legítima toda a investigação, implantando uma rigidez

que fortalece a temática. A dupla liderança conduz seu elenco com extrema eficiência, extraindo os meandros daquele universo execrável. Edifica um espetáculo desenhado, cujas mudanças de cena metafo-

rizam regras imutáveis, como se leis não pudessem ser revogadas, teatralizando a encenação, como sempre.

As atrizes unificam-se instaurando todo o clima necessário, humanizando suas personagens. Há uma

embocadura que exalta a dramaticidade e todas articulam no mesmo diapasão, supostamente sugerido pelos diretores. Dai Ramos constrói a dureza de sua Rayane com segurança e multiplica-se como dona Debora com versatilidade. Sirlea Aleixo emprega alívio cômico em sua Ivanilde e costura veracidade na doutora Silvia. Luciana Lopes emociona no discurso inflamado de sua Lorena, uma mãe agonizante. Taty Aleixo impõe-se com tranquilidade nos seus respectivos papéis, além de cantar lindamente, e Thay Aleixo cumpre com firmeza o que lhe é concedido. A cena no refeitório configura ótimo jogo.

O cenário de Ana Teixeira e os figurinos de Stephane Brodt são simples e adequados, auxiliando a imagem daquele ambiente hostil. A iluminação de Renato Machado é gelada, com poucas variações, ressaltando a frialdade humana.

“Incondicionais” funciona como denúncia, para que instâncias superiores do Judiciário possam estar atentas a mudanças, na consciência de que no cárcere habita seres humanos.

SERVIÇO

INCONDICIONAIS

Teatro Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 19/7, às quintas e sextas (20h), sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (convênios), R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 15 (meia)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Dualidades em cena

A Cia. Dos À Deux apresenta no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro “Confuzo”, montagem que explora a tensão entre enraizamento e movimento. Em cena, dois personagens: O Homem-Árvore busca pertencimento mas é rejeitado pelo mundo, enquanto O Homem-Luz alimenta a energia do espetáculo ao pedalar uma engrenagem. Enquanto um deseja raízes, o outro se consome iluminando o palco. O espetáculo transforma o espaço numa reflexão poética sobre permanência e deslocamento.



A mulher multitarefa

O grupo brasileiro Ata apresenta “Se Eu Fosse Eu – Clarice” no Centro Cultural da Justiça Federal. A montagem adapta três contos de Clarice Lispector e explora a complexidade do universo feminino. O palco vira cozinha, onde um bolo é gradualmente preparado enquanto as atrizes dialogam com as múltiplas facetas de Clarice, abordando tabus e contrastes com ironia e sensibilidade. A peça reflete sobre a figura feminina multitarefa, usando ingredientes culinários como metáfora para questionamentos profundos sobre a vida.



Fragmentos de memória

Nova criação da Companhia Brasileira de Teatro, “História” reúne dois atores e um músico em cena. A montagem explora fragmentos de vivências despertados por fotos, canções e histórias que abordam rejeição, abandono, preconceito e relações familiares. O espetáculo questiona a narrativa oficial ao dar voz às múltiplas verdades historicamente silenciadas, revelando um mundo fraturado que não se sustenta mais em versões únicas do passado. Em cartaz até o dia 26 no Centro Cultural Banco do Brasil.

2026

Festival Sesc
de Inverno

AFLUIR

17JUL | 2AGO



JORGE
ARAGÃO



FERNANDA
ABREU



DUDU NOBRE



XAMÃ



MUMUZINHO

+DE 25 LOCALIDADES DO RJ

MÚSICA • TEATRO • DANÇA • CIRCO
ARTES VISUAIS • AUDIOVISUAL • LITERATURA

O Festival Sesc de Inverno convida você a curtir uma programação com mais de 500 horas e experiências que inspiram e fazem a cultura afluir por todo o Estado. Confira a programação completa em festivalsescdeinverno.com.br e viva a arte.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:

FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

 sescrjio

 sescrj

 portalsescrjio



REALIZAÇÃO:





Divulgação

O Leão Etíope fez da praça um dos espaços mais vibrantes da cultura carioca

A praça que ruge cultura

Coletivo Leão Etíope do Méier promove lançamento da autobiografia do griô Nei Lopes, exposição e roda de samba com Moyseis Marques e Nilze Carvalho em programação totalmente gratuita



Márcio Monteiro

Nilze Carvalho



Isabela Espindola/Divulgação

Moyseis Marques



Mônica Ramalho/Divulgação

Nei Lopes

reflexões sobre história, memória e resistência, criando um espaço para pesquisadores, artistas e comunidade celebrarem o conhecimento e reafirmarem a cultura popular como patrimônio vivo.

Nei Lopes retorna à praça-sala de aula do Méier 11 anos após sua primeira visita ao espaço para lançar a autobiografia “O ‘robusto’ Menino de Irajá”, um mergulho na jornada do artista: da faculdade de direito nos anos 1960 à autoria de mais de 50 livros e cerca de 800 composições. Sambista, compositor, escritor e filólogo, Nei Lopes é um dos maiores griôs da música e da intelectualidade negra brasileira, com pesquisa que atravessa décadas sobre samba, história oral e patrimônio cultural afro-brasileiro.

Por volta das 21h, Moyseis Marques comanda roda de samba com participação especial de Nilze Carvalho.

Criado na Vila da Penha, Moyseis é cantor, compositor, instrumentista e produtor com sete álbuns e dois DVDs gravados, indicados ao Grammy Latino e vencedor do Prêmio da Música Brasileira. Sua trajetória de 26 anos de estrada o consolidou como parceiro de nomes como Luiz Carlos da Vila, Aldir Blanc, Ivan Lins, Moacyr Luz e Luiz Antônio Simas. Com Nei Lopes, compôs cerca de uma dúzia de canções, entre elas “Profissional” e “Forró das Cidades”, sucessos nas rodas de samba e forró da Zona Norte.

Multi-instrumentista, cantora, compositora, arranjadora e diretora musical, Nilze Carvalho é reconhecida como uma das maiores instrumentistas do país. Iniciou sua trajetória na infância como menina-prodígio do bandolim, gravando a histórica série “Choro de Menina” ao lado do lendário conjunto Época de Ouro. Sua carreira inclui turnês internacionais, parcerias com grandes nomes da música brasileira e indicação ao Grammy Latino. Nilze é uma das principais intérpretes do choro e do samba, unindo virtuosismo instrumental, pesquisa, composição e profunda valorização da tradição da nossa música popular. Ela e Moyseis já dividiram o palco algumas vezes.

O evento também abriga a exposição “Cria do subúrbio: onde se faz caminho”, da artista Nathalia Valério, uma celebração da potência criativa que nasce dos afetos, memórias e dos caminhos suburbanos. Haverá ainda uma feira de expositores com culinária, artesanato e literatura, ampliando o encontro para além da música e dos debates.

SERVIÇO

LEÃO ETÍOPE DO MÉIER

Praça Agripino Grieco (Rua Dias da Cruz, s/nº — Méier) 18/7, às 16h: mesa de debates com Spirito Santo (Aquilomba Hub) | 21h: Roda de samba com Moyseis Marques e Nilze Carvalho | Grátis

AFFONSO NUNES

Desde janeiro de 2014, o coletivo Leão Etíope do Méier ocupa a Praça Agripino Grieco, transformando um mero lugar de passagem num dos palcos mais pulsantes da

cidade e com programação inteiramente gratuita. Neste sábado (18) não vai ser diferente, com lançamento de livro, exposição e roda de samba.

Criado por Pedro Rajão, o movimento nasceu com o objetivo de fortalecer a presença de atrações artísticas na Zona Norte, historicamente negligenciada pela progra-

mação cultural carioca. Em mais de uma década, o coletivo realizou dezenas de edições com shows de artistas nacionais e internacionais, exposições, cineclube, performances teatrais, circenses e de dança — tudo gratuito e na rua.

A programação deste sábado começa às 16h com uma mesa de debates patrocinada pelo Aqi-

lomba Hub, que contará com a presença do pesquisador Spirito Santo. Primeiro doutor em música por notório saber em 180 anos pela Escola de Música da UFRJ, Spirito Santo é intelectual cuja trajetória se marca pelo compromisso com a valorização da cultura popular negra e das tradições afro-brasileiras. A conversa promete aprofundar

Forró em dose dupla na Lapa

Mariana Aydar e Forróçacana levam forró à Fundação Progresso em noite de arraiaí

AFFONSO NUNES

A Fundação Progresso abre as portas para mais uma edição do Arraiá nesta sexta-feira (17) em noite que recebe dois shows de forró com artistas de diferentes gerações do gênero: Mariana Aydar, que atualiza as raízes nordestinas com a perspectiva feminina; e o trio Forróçacana, grupo carioca que há quase três décadas renova o forró mesclando o ritmo com outras praias somoras como o samba, choro, rock e reggae que

Dominguinhos um dia definiu como “um baião metido à besta”. Mariana Aydar abre a programação. A cantora e compositora construiu trajetória marcada pela valorização das narrativas nordestinas, especialmente aquelas que colocam mulheres em primeiro plano. Vencedora do Grammy Latino em 2020 e 2024 na categoria Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa,

ela também recebeu o Prêmio da Música Brasileira 2025 na mesma categoria. Seu contato com o forró começou na infância, através da obra de Luiz Gonzaga — sua

mãe foi empresária do artista. Ao longo da carreira, integrou a banda Caruá, foi backing vocal de Daniela Mercury e criou o bloco “Forrozin”, que já reuniu nomes como Gilberto Gil, Anastácia e Criolo durante o Carnaval.

O Forróçacana fecha a noite com um show que reafirma sua importância na renovação do gênero. Criado em 1997, o grupo nasceu inspirado por mestres como Dominguinhos e Jackson do Pandeiro, mas rapidamente construiu identidade própria ao misturar forró com influências de samba, choro, reggae e rock. A formação atual — Duani (voz e zabumba), Cachaça (violão, cavaquinho e viola caipira) e Marcos Moletta (rabeca, bandolim e guitarra baiana) — conquistou palcos no Brasil e no exterior, dividindo cena com artistas como Elba Ramalho, Alceu Valença e Alcione. Além dos shows, o Arraiá da Fundação oferece a atmosfera típica das festas juninas: bandeirinhas, brincadeiras e barrquinhas de comidas nordestinas.

SERVIÇO
ARRAIÁ DA FUNDAÇÃO
- MARIANA AYDAR E FORRÓÇACANA
Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24, Lapa)
17/7, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingresso: R\$ 140 e R\$ 70 (meia e ingresso solidário com doação de 1 kg de alimento não perecível)



Mariana Aydar e o Forróçacana prometem botar o povo para bailar nesta sexta

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

A tradição instrumental brasileira

O duo Kiko Horta e Antonio Guerra estreia um encontro musical fértil na série “Música Instrumental Brasileira”, do Manouche, nesta sexta (17). O espetáculo propõe, nesse encontro entre dois expoentes instrumentistas, espalhar a música brasileira pelo mundo, saudando as tradições cariocas e nordestinas, com toda a sofisticação de influências que o Rio de Janeiro acumulou durante os séculos 20 e 21.



Divulgação

Ferrugem abre turnê do álbum ‘Sentimento’

Depois do sucesso do álbum “Sentimento”, Ferrugem inicia neste sábado (18), no Via Music Hall, em São João de Meriti, a turnê homônima, levando aos palcos a atmosfera do disco lançado no início do ano. “O palco sempre foi o lugar onde eu mais gosto de estar. Depois de tudo o que esse álbum representou pra mim, estava muito ansioso para transformar esse projeto em show”, diz. Abertura da casa às 22h.



Divulgação

Jay Vaquer mostra sua autoralidade

Jay Vaquer apresenta o espetáculo “Classics & What’s Next” no Blue Note Rio nesta sexta (17), às 22h30. O compositor e artista reúne diferentes momentos de sua carreira, intercalando sucessos que se tornaram referências em sua discografia com trabalhos mais recentes. O repertório inclui “Cotidiano De Um Casal Feliz”, “Complicado” e “A Miragem”, além de composições lançadas nos últimos anos.



Divulgação

Tributo a George, o Beatle quieto

O show “Concert for George” presta homenagem a George Harrison, celebrando a trajetória do mais quieto dos Beatles por meio de um repertório que percorre sua fase na banda e sua consagrada carreira solo com interpretação de Danilo Fiani e banda. O show reúne clássicos como “Something”, “Here Comes the Sun”, “While My Guitar Gently Weeps”, “My Sweet Lord” nesta sexta (17), às 20h, no Blue Note Rio.



Demétrio Aguiar/Divulgação

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

Rodrigo Menezes/Divulgação

SHOW

SILVIA MACHETE

✳A cantora apresenta o show “Under the Cover”, que ela define como “uma coleção de músicas que me inspiram, as mais lindas do mundo, cantadas só em bares de hotel”. Sáb (18), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, com doação de 1kg de alimento não-perecível)

LOFRAN

✳O show Back to Boteco reúne canções autorais e releituras das principais referências da cantora. Sex (17), às 20h30. Dolores Club (Rua do Lavradio, 10). A partir de R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

PIMENTA DO REINO

✳O grupo mantém a referência dos grandes mestres da nossa música, como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Trio Nordestino. Sex (17), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 35). Entre R\$ 45 e R\$ 150 (meia)

CARLA MUZAG

✳A cantora e compositora apresenta o show “5 Orientes”, nome do seu segundo álbum, gravado em Belo Horizonte e Recife. Sex (19), às 19h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

JOMAR SCHRANK & BANDA

✳O espetáculo “Histórias e Canções” Convida o público a uma jornada elegante e profunda pela trajetória de Bob Dylan, revisitando desde os clássicos do folk até suas composições mais introspectivas. Sáb (18), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

DILMA OLIVEIRA

✳A cantora reúne clássicos do samba e da bossa nova com suas interpretações para obras de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Cartola, Paulinho da Viola, João Donato e outros. Sáb (18), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

TEATRO

ESPELHO MÁGICO

✳Musical sobre os 60 anos da TV Globo. Até 26/7, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 50 e R\$ 180



Agar



Silvia Machete



Dilma Oliveira

WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

✳O musical revela a história não contada das bruxas de Oz, muito antes da Dorothy chegar ao mundo governado pelo poderoso Mágico. Até 6/9, qua a sex (20h), sáb (15h e 19h30) e dom (14h e 18h30). Cidade das Artes Bibi Ferreira - Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca. Entre R\$ 25 e R\$ 400

MARGARIDAS

✳Cinco mulheres entram em uma sala de aula. Cada uma acredita ser a única professora ali e as outras, obviamente, seriam alunas. O conflito que nasce dessa confusão é o ponto de partida do espetáculo. Até 2/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 40, R\$ 28 (sócio Sesc) e R\$ 20 (meia)

DOCE ÁRIDO

✳O espetáculo leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior. Até 9/8, qui a sáb (20h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

JOSEPHINE BAKER - A VÊNUS NEGRA

✳Musical conta a história da artista afro-americana que conquistou o mundo. Sáb (18), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 35). Entre R\$ 45 e R\$ 150 (meia)

ABSOLVIÇÃO

✳Monólogo com Andriu Freitas apresenta os dilemas de homem que faz suas próprias leis ao executar abusadores. Até 26/8, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

AGAR

✳A história de resiliência da matriarca do povo árabe. Até 26/7, qui e sex (20h30), sáb e dom (19h). Teatro Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 40, R\$ 36 (conveniados), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 20 (meia) e grátis (PCG)

COMO NÃO POSSO SER MONTGOMERY CLIFT?

✳Solo com atuação de Gustavo Gasparani sobre a trágica jornada do astro hollywoodiano. Até 26/7, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

POEMAS

✳Neste texto de Gabriel Chalita as delícias do mundo são motor da criação. Até 26/7. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

APOCALIP-SE

✳Espectáculo investiga o isolamento pós-pandemia em montagem multimídia. Até 30/8, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 98). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

INCONDICIONAIS

✳Mergulho no universo das penitenciárias femininas. Até 19/7, qui e sex (20h), sáb e dom (18h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 15 (meia)

PRA TE VER FELIZ

✳Com texto e direção de João Batista, a peça é o segundo trabalho da trilogia “Dá Samba”. Até 9/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187). R\$ 60, R\$ 30 (meia); R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

Marina Decourt/Divulgação

Divulgação

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Fotos/Isis Medeiros



Piquenique

MEU FILHO É UM MUSICAL

✳ Há cinco anos o ator Paulo Gustavo partiu e nos deixa legado que se converte neste musical idealizado por sua mãe, dona Déa. Até 19/7, qua a sex (20h), sáb e dom (16h e 20h). Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3900). Entre R\$ 25 e R\$ 360

A VIDA PASSOU POR AQUI

✳ A peça, que recebeu o Prêmio APTM de Melhor Texto, comemora 8 anos em cena. Professora aposentada com Alzheimer recebe visita de um velho amigo que reaviva suas memórias. Até 30/8, sex (20h), sáb (18h) e dom (19h). Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - loja 213). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

EU-ANA

✳ Coletivo Gozo-Pranto adapta conto 'Ana Davenga', de Conceição Evaristo. Sex (17), às 19h. Sesc Ramos (Av. Alberto Torres, 397). R\$ 15, R\$ 7,50 (meia) e grátis (PCG e menores de 16 anos)

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

✳ Mostra reúne acervo relacionado ao ator que abriu caminhos para gerações de artistas negros. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CE-DOC Funarte (Praça da República, 26 - Centro). Grátis

SALVÍFICOS MOVIMENTO #2 - FÁBULA

✳ Instalação interativa que combina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica. Até 23/8, ter a sáb (9h às 16h). Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, nº 47 - Jardim 25 de Agosto). Grátis



Wicked

HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA

✳ Exposição de obras do acervo do MNBA, inspiradas no podcast homônimo. Até 7/8, seg a sex (13h às 17h). Museu Nacional de Belas Artes (Avenida Rio Branco, 199 - Centro). Grátis

OS DOIS LADOS DA JANELA

✳ Expoente da Geração 80, Daniel Senise abre os segedos de seu ateliê e revela trabalhos com os quais experimenta suas técnicas. Até 6/9, ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze, 48). Grátis

ZONA DE SACRIFÍCIO

✳ Fotografia de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha (MG). Até 1/11, de ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

A COR DE UM SONHO

✳ Reunião de obras de 27 artistas que dialogam com as dimensões do invisível, do intuitivo e do imaginado, oferecendo ao público uma conversa entre palavra e linguagem plástica. Até 25/7, qui e sex (12h30 às 17h) e sáb (10h às 18h). Galeria Dobra/ArtNova (Rua Orestes, 28, 2º andar, Fábrica Bhering, Santo Cristo). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

✳ Conhecido por criar imagens usando toda sorte de materiais inusitados, tais como açúcar, lixo, chocolate e confetes, o artista paulistano radicado nos EUA recebe a maior retrospectiva de sua carreira marcada por conceitos de sustentabilidade. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis



Zona de Sacrifício

INFANTIL

O QUE A LUZ MOSTRA

✳ Laboratório oferece experiência com a cianotipia, técnica fotográfica que utiliza a luz para imprimir imagens. Sáb, dom e fer (às 14h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

PIQUENIQUE

✳ Uma jovem viaja com seus deliciosos quitutes com uma missão: enfrentar um tirano dono de uma fábrica de canhões. Até 26/7, sáb e dom (11h30). Teatro Petrobras Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

LUIZ E NAZINHA - LUIZ GONZAGA PARA CRIANÇAS

✳ Elegia ao Rei do Baião a partir de sua infância no sertão de Pernambuco. Até 25/7, sáb e dom (16h). Teatro I Love PRIO (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1.110 - Leblon). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

A INTRÉPIDA REVOADA DE MAÇARICA & BATUÍRA

✳ Duas aves migratórias se reencontram no Carnaval de Olinda para a internada, período em que se fortalecem antes do voo de volta casa, no Hemisfério Norte. Até 19/7, sáb e dom (16h). Teatro Ziembski (Av. Heitor Beltrão s/nº, Tijuca). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ERA UMA VEZ UM TIRANO

✳ Três crianças armadas de imaginação decidem enfrentar um tirano e devolver as cores a um país entristecido. Até 26/7, sáb e dom (15h). Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 — Centro). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

A LENDA DA NOITE

✳ Nesta narrativa oriunda da tradição indígena amazônica: jovens guerreiros partem em busca da noite guardada no fundo do rio por um ser encantado. Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

OFICINAS CLUBINHO WEST

✳ O Clubinho West preparou uma programação especial com oficinas gratuitas e interativas para estimular a criatividade das crianças nas férias escolares. Sáb (18), às 15h: Oficina de Tie Dye – Crie, tinta e transforme! Dom (19), às 15h: Oficina de Ecobag – Personalize e leve para casa uma ecobag única! West Shopping (Estrada do Menda-nha, 555, Campo Grande). Grátis

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA

✳ Contação de histórias sobre a chegada das primeiras famílias migrantes à região de Canaã dos Carajás (PA). Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

✳ Projeção de imagens, música, contação de histórias e máscaras nesta atividade que apresenta os animais da fauna brasileira desenhados nas nossas notas de dinheiro. Dom (13h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

LIVRO VIVO

✳ Atividade de mediação de leitura que compartilha a experiência de ler um livro inspirada nas exposições em cartaz e ações de patrimônio do CCBB RJ. Dom (16h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O stentando dois longas-metragens cuja arrecadação passou de US\$ 1 bilhão cada (“Super Mario Galaxy” e “Michael”), a lista dos maiores faturamentos cinematográficos do ano em venda de ingressos – em números contabilizados de janeiro até a última segunda - traz, pela primeira vez, em anos, duas comédias. O quarto lugar desse ranking, atrás só da dupla de bilionários supracitada e de “Toy Story 5”, está “O Diabo Veste Prada 2”, que, à força de Meryl Streep, arrecadou US\$ 688 milhões. Foi mais que o dobro da receita feita pelo “The Devil Wears Prada” original, há 20 anos: US\$ 326 milhões.

Em latitudes distante de Hollywood, na China, uma chanchada automobilística, “Fei chi ren sheng 3”, dirigida por Han Han e traduzida no Ocidente como “Pégasus 3”, contabilizou US\$ 656,5 milhões, mobilizando basicamente sua própria pátria e terrenos asiáticos.

A alegria de um gênero que andava em tempos de vacas magras, acochado pelo politicamente correto, não se limita ao Top Tem.

Em 15º lugar (e subindo), com US\$ 228,1 milhões está a farofa “Todo Mundo Em Pânico” (“Scary Movie”), do clã Wayans, retomando uma trilha de paródia que foi iniciada 26 anos atrás. O oceano de palavrões em seu roteiro e a aposta em heróis tortos, como o maco-nheiro profissional Shorty (papel de Marlon Wayans, do fenômeno “As Branquelas”), valeu à produção saraivadas de críticas azedas.

Esse azedume entre resenhistas americanos e o nariz torcido da ala woke só fizeram fomentar a procura do público por uma aula de ironia avessa a mimimis.

Há uma semana, no Brasil, as narrativas cômicas ganharam o reforço de uma produção que, a julgar pela acolhida calorosa das plateias, pode subir nesse pódio de longas que faturam babas: “O Convite” (“The Invite”), de Olivia Wilde. É uma trama sobre um jantar entre vizinhos. É um jantar fomentado pelo fato de os moradores do andar de cima transarem feito coelhos... ruidosamente... e os anfitriões não se tocarem mais. No piso de baixo vivem o professor de Música Joe e sua esposa, Angela (hoje uma dona de casa), com uma filha de 12 anos, que nunca vemos. Em cima, moram a sexóloga espanhola Pina e o bombeiro Hawk. Respectivamente, o elenco que dá vida a essas figuras inclui Seth Rogen, a própria Olivia, uma Penélope Cruz de cabelos louros e um Edward Norton em estado de graça. No pavimento dessa experiência sobre escuta, num tempo de ruídos, está um dos dramaturgos de maior viço do teatro popular nos anos 2010 e 2020: o catalão Cesc



Meryl Streep encarou a correção política em ‘O Diabo Veste Prada 2’

O RISO, ENFIM, VOLTOU

Fenômenos populares como ‘O Diabo Veste Prada 2’ e ‘Todo Mundo Em Pânico’ devolvem a comédia ao topo das paradas, com reforços da China e da França



Divulgação

A versão 2026 de ‘Todo Mundo Em Pânico’, com Marlon Wayans, derrotou a marola da caretice

Gay, artista que faz do cotidiano um campo de batalha... para rir, em cartaz também na Netflix com “53 Domingos”.

“Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou

da euforia”, disse Cesc, ao Correio a Manhã, numa entrevista por telefone ao levar ao Festival de San Sebastián seu filme “Sentimental” (2020), adaptação da peça de sua autoria “Els Veïns De Dalt” (“Los Vecinos De Arriba”), que serviu de base para

“O Convite”.

Neste exato momento, há uma outra versão dela em curso na Bélgica, “De Bovenburen”, com direção de Simone van Dusseldorp, e há uma adaptação em filmagem em Portugal, com o título “O Pecado

Mora Em Cima” e direção de Rui Pedro Sousa. Sabe quem está cena? Os eternos Caco Antibes e Magda: Miguel Falabella e Marisa Orth. Todas essas versões apostam no riso frouxo, ainda que pontuado de dor. São estratégias que a comédia buscou para sobreviver, diante de um patrulhamento pesado.

É difícil crer, mas o filão que nos deu de Dercy Gonçalves a Will Ferrell há tempos não se comunicava mais com as multidões via telonas. Basta ver o que se dá no Brasil. Aqui, onde a chanchada foi filão imperial nos circuitos – matéria essencial para a nossa formação cinéfila, dos anos 1930 aos 60 -, o último grande feito da seara da gargalhada soma dois anos: “Minha Irmã e Eu” (2023), com Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, que vendeu cerca de 2,2 milhões de tíquetes. Em 2024, “Os Farofeiros 2” arranhou essa mesma média, ficando pouca coisa atrás. De lá para cá, até pintaram tramas engraçadas, aqui e ali, mas nada com tamanha força, vide

MAIORES BILHETERIAS MUNDIAIS DE 2026*

1. **“SUPER MARIO GALAXY - O FILME”** (“The Super Mario Galaxy Movie”) — US\$ 1,009 bilhão
 2. **“MICHAEL”** — US\$ 1,002 bilhão
 3. **“TOY STORY 5”** — US\$ 882,1 milhões
 4. **“O DIABO VESTE PRADA 2”** (“The Devil Wears Prada 2”) — US\$ 688,2 milhões
 5. **“DEVORADORES DE ESTRELAS”** (“Project Hail Mary”) — US\$ 684 milhões
 6. **“PEGASUS 3”** — US\$ 656,5 milhões
 7. **“OBSESSÃO”** (“Obsession”) — US\$ 427,4 milhões
 8. **“CARA DE UM, FOCINHO DO OUTRO”** (“Hoppers”) — US\$ 372,1 milhões
 9. **“BACKROOMS”** — US\$ 363,1 milhões
 10. **“STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU”** (“Star Wars: The Mandalorian and Grogu”) — US\$ 340,4 milhões
- *Até o momento



Ingrid Guimarães e Mônica Martelli durante as filmagens de ‘Minha Amiga’ em Portugal



‘Pégasus 3’, um blockbuster à chinesa



Lançado em Sundance e já convidado para Locarno, ‘O Convite’ se firma como êxito comercial



‘Marsupilami’ é a maior bilheteria francesa de 2026

o nosso campeão do ano, “Velhos Bandidos”, que mal chegou a 500 mil pagantes.

Em Hollywood então, até o bonde de “O Diabo Veste Prada 2” e dos Wayans voltar, a risada raramente se fez blockbuster, brilhando mais nas plataformas digitais. Os streamings estão cheios de graça, como comprova o recente e imperdível “Bola Pra Cima”, de Peter Farrelly (codiretor de “Debi & Lóide”), hoje na Prime Video, que usa o Brasil e o futebol, em tom de Copa do Mundo, para criar uma trama muito loca com Mark Wahlberg e Paul Walter Hauser.

A maneira como esse longa-metragem retrata a geografia do Rio de Janeiro (subvertendo as nossas altitudes e latitudes) e caricatura a população brasileira seria destroçada se “Balls Up” (título original) fosse a circuito, sob a guilhotina afiada da correção política e das patrulhas ideológicas. No digital, contudo, ele gruda no olhar de assinantes, na quietude do lar, no sapatinho...

onde o cancelamento não chega.

Antes que você, leitora ou leitor, fale em “Se Beber, Não Case” - que custou US\$ 35 milhões, faturou US\$ 469 milhões e ainda papou o Globo de Ouro de Melhor Filme Cômico -, atenção: o longa-metragem que consagrou o diretor Todd Philips é de 2009, e suas duas continuações, menos notáveis, de 2011 e 2013. A última vez em que um estúdio hollywoodiano viu uma trama cômica driblar a concorrência dos blockbusters de super-heróis, de animações Pixar e aventuras à la “Transformers” ou “Top Gun: Maverick” foi em 2012, quando “Ted”, de Seth Macfarlane, que custou US\$ 50 milhões, faturou US\$ 549 milhões pelo mundo afora.

Teve ainda “Missão Madrinha de Casamento” (2011), uma comédia milionária, que chegou a disputar estatuetas do Oscar. Fez de Melissa McCarthy uma estrela. Mas nem ela consegue mais formar filas nas portas dos cinemas pra ver uma narrativa engraçada.

Em 2025, “Corra Que A Polícia Vem Aí!” meteu as caras, renovando a estética da paródia, com o apoio de Liam Neeson para homenagear Leslie Nielsen (1926-2010). Deu certo? Sim. Faturou US\$ 102 milhões. Porém isso era menos do que se esperava e menos do que seu orçamento, em torno de US\$ 42 milhões, necessitava para emplacar um bom lucro. Valeu o esforço. Valeu por ter peitado as patrulhas.

Elas são ferozes. Os milhões que a comédia americana registrava nos anos 1980, sendo picante (“A Última Festa de Solteiro”) ou abilolado (“Top Secret”), e nos anos 1990, com grifes estelares (caso de Jim Carrey, em “Débi & Lóide” ou “O Mentiroso”) ou com debates comportamentais (caso de “American Pie”), sumiram. Houve alguma migração para as séries no streaming, vide a bombada “Leanne”, pepita da Netflix.

Lá, no grande N do streaming, Adam Sandler fez seu ninho. Revelado na TV, conhecido

pelo humorístico “Saturday Night Live”, ele deu um pontapé em seus concorrentes de prestígio (Carrey e Robin Williams) em 1998, ao emplacar um sucesso inesperado nas telonas: “O Rei da Água”. Dali pra diante, tudo o que ele fez entre 1999 (“O Paizão”) e 2011 (“Esposa de Mentirinha”) explodiu no gosto popular e passou da marca de US\$ 100 milhões na arrecadação. Até uma obra-prima adorada pela crítica ele emplacou: “Como Se Fosse A Primeira Vez” (2004). Mas com a recepção áspera a “Cada Um Tem a Gêmea Que Merece”, lançada aqui no carnaval de 2012, Sandler percebeu que era hora de mudar. Saiu do cinema e passou a ser um astro exclusivo da Netflix. No streaming, ele ampliou sua força com títulos como “O Halloween do Hub” (2020) e “Mistério no Mediterrâneo” (2019), este com a estrela da gargalhada Jennifer Aniston. No ano passado, tomou a Netflix para si com o delicioso “Um Maluco No Golfe 2”. Até um cult (sério) ele protagonizou: “Jóias Brutas”, em 2019. Mas o êxito contínuo de Sandler já não inclui as salas exibidoras.

Essa transformação foi tão grande que o recém-encerrado Festival de Buenos Aires, o BAFICI, criou uma seção paralela chamada Comédia, para festejar a longevidade do humorismo no cinema. Lá estava a produção brasileira “O Rei da Internet”, um thriller bem-humorado com João Guilherme e Marcelo Serrado.

Há uma razão histórica para essa mudança comportamental. Historicamente, toda a vez que o mundo entra num conflito bélico coletivo, como a I e a II Guerra, a comédia sobe. A carreira de um gênio como Frank Capra (1897-1991) foi fruto desse estado de coisas, em que a risada serve de analgésico ao temor. “A Felicidade Não Se Compra”, lançada por Capra em 1946 cresceu no imaginário cinéfilo mundial no pós-guerra, como refluxo dos horrores da batalha contra Hitler, evocando a necessidade de um filme de celebração do amor familiar. Mas hoje, mesmo com os massacres no Irã, a Guerra da Ucrânia e o conflito feroz na Palestina, o assombro do planeta passa pelas vias econômicas, por co-

lapsos financeiros que alimentam a presença de políticos conservadores no Poder. Em tempos assim, como se viu, por exemplo, no crack da Bolsa de 1922, a comédia cai e os filmes de monstro e os suspense noir (pautados na ambiguidade moral) crescem. É o que vivemos hoje em Hollywood. É contra esse percalço da História que Meryl Streep e Anne Hathaway e seu hilário “O Diabo Veste Prada 2” lutam.

Na Europa, a Itália é um dos países que mais apostam em comédias, sempre numa linha de chanchada. Checco Zalone é o senhor da graça por lá, estrelando tramas popularescas como “Buen Camino” (2025), hoje na Netflix. Ninguém cultiva tanto as tramas cômicas do que o cinema francês, que viu “Marsupilami”, aventura cômica de Philippe Lacheau, somar 6,1 milhões de pagantes. Não por acaso, quem abriu o 79º Festival de Cannes, foi um roteiro para fazer multidões rirem: “La Vénus Électrique”, de Pierre Salvadori. Teve comédia lá, como “A Riviera Não É Aqui”, que vendeu 20 milhões de ingressos, em 2008.

No Brasil, a partir do êxito de “Se Eu Fosse Você”, que vendeu 3,6 milhões de ingressos em 2005, a comédia encontrou espaço nobre nas telonas, inventando até um subgênero prasi, a neochanchada, caracterizada por seu humor escancarado, sem sutileza, graficamente explícito nas piadas, ao analisar as peripécias das classes C e D que emergiram na primeira Era Lula. Uma série de fenômenos, como “Até Que a Sorte Nos Separe” (2012-2015) ou “De Pernas Pro Ar” (2010-2019), consagraram novas fórmulas do riso. Em 2013, Paulo Gustavo (1978-2021) foi responsável por uma revolução nos cinemas, desafiando tabus do conservadorismo nacional, ao aparecer vestido de mulher à frente da franquia “Minha Mãe É Uma Peça”. O primeiro rendeu 4.582.788 tíquetes. O segundo foi visto por 9.307.612 pagantes. O terceiro superou todas as expectativas dos analistas de mercado e somou 11.608.254 espectadores.

Aí veio a pandemia. Naqueles tempos de máscaras e confinamento, só duas comédias fizeram sucesso à altura do esperado: “Tô Ryca! 2” (2022), com Samantha Schmütz, e “Desapega! O Filme”, com Maisa e Glória Pires. Nos streamings, as parcerias do roteirista Paulo Cursino com o diretor Roberto Santucci e o ator Leandro Hassum (nosso Peter Sellers), tipo “Tudo Bem no Natal Que Vem”, seguem brilhando – mais do que em circuito. Nas plataformas, Hassum não perde a majestade do gênio que é.

Santucci volta este ano com “Os Farofeiros 3” e “Picaretas Não Vão Pro Céu” e pode brilhar com os dois. A partir de 3 setembro, o Brasil pode encher os pulmões da comédia de ar de novo com “Se Eu Fosse Você 3” e “Minha Melhor Amiga”, juntando as grifes de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli.

Divulgação Filmes do Estação



La Vie de Maria Manuela

AFFONSO NUNES

Mesmo celebradas em festivais mundo afora, as produções de Brasil e Portugal enfrentam a mesma crise. Em 2025, os cinemas portugueses registraram 10,9 milhões de espectadores, queda de 8,2% em relação ao ano anterior — uma das piores bilheteria do século. No Brasil, o cenário é ainda mais grave: o público caiu 10% no mesmo período, com filmes nacionais sofrendo retração de 11,6%. Ainda assim, a Filmes do Estação dobra a aposta na autoralidade do cinema independente feito além-mar e promove a mostra “Terrinha à Vista 2”, que ocupa o Estação Claro Rio, em Boatafogo, até 5 de agosto.

São três filmes em cartaz. Todos compartilham a temática da transformação pessoal, seja pela seara da violência do amadurecimento seja pela busca de identidade.

“As Meninas Exemplares” (até 22/7) é, talvez, a produção mais ambiciosa. O diretor João Botelho ação mais ambiciosa do trio. Botelho retorna à obra da Condessa de Ségur — escritora russa do século 19 que dedicou sua vida a contos moralizantes para seus netos — para desmontar a própria ideia de moralidade infantil. O filme acompanha Sofia, Madalena e Camila durante férias de verão, momento em que o desejo, sua repressão e a violência se entrelaçam. O longa coloca atores adultos nos papéis das crianças, escolha que causa certo incômodo.

“A Condessa de Ségur escreveu ‘As Boas Meninas’ em 1857. Somente em 1858 escreveu ‘As Desventuras de Sofia’ e ‘As Férias’. Li ‘As Desventuras de Sofia’ quando tinha seis anos de idade. Irmão caçula de três irmãs, cresci cercado pelos livros da chamada ‘biblioteca azul’, que eram a literatura infantil da nossa casa.” Ele

Independentes, oh pá!

Três produções independentes de Portugal integram a mostra ‘Terrinha à Vista 2’ no Estação Claro Rio

reconhece que a obra de Ségur é “um documento desconcertante e prodigioso que, embora nascido no século 19, dialoga de forma surpreendentemente atual com o nosso tempo.”

Dirigido por João Marques, “A Vida de Marie” (23 a 29/7), acompanha Maria Manuela, jovem artista natural de Estela, no norte de Portugal, que recusa o conformismo de forma visceral. “O filme nasceu de uma curiosidade genuína pela Maria que ali vi, tal como pela sua persona digital La Vie de Marie, que partilha uma abordagem irreverente e vulnerável nas redes sociais.”

O diretor explica que ambos cresceram em meios rurais com alienação e necessidade de expressão criativa. “A Vida de Marie insere-se numa reflexão sobre a Geração Z, marcada pela presença das redes sociais e pelas formas de vida que surgem com este novo contexto.” No filme, a forma de ser de Maria “se choca com a tradição e os costumes portugueses, enquanto Maria incorpora tanto as suas raízes nortenhas como as influências da cultura digital.”

A mostra fecha com a exibição de “As Aves” (30/7 a 5/8), de Pedro Magano. Inspirado no conto “A Morte, o Tempo e o Velho”, de Mia Couto, e na peça clássica “Os Pássaros”, de Aristófanes, o filme retrata um velho isolado em uma ilha com uma calopsita enjaulada. Ele sonha em fundar uma cidade onde humanos e pássaros possam viver livremente. “Na Grécia Antiga, o conflito entre deuses e homens era objeto de profundas reflexões que buscavam explicar o sentido da existência. Hoje, essas relações sobrevivem como metáforas cômicas, ainda recorrentes na busca pelos ‘porquês’ da vida”, observa Magano, acrescentando que estrutura do filme é cíclica, dialogando com “a ideia de uma existência humana infinita, repetitiva, e com a dimensão circular do Tempo.”

Divulgação Filmes do Estação



As Aves

Divulgação Filmes do Estação



As Meninas Exemplares



Transformado em Joe Jackson, após um vasto trabalho prostético de caracterização, Colman Domingo desafiou maniqueísmos

Um Domingo de luz

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Existe uma ironia curiosa nas escolhas profissionais que hoje levam Colman Domingo a ser um holofote de excelência no cinema, aos 56 anos. Em setembro de 2024, quando “Sing Sing” (“Sing Sing”) emocionou o Festival de Toronto e consolidou seu segundo caminho consecutivo rumo a uma indicação ao Oscar, ele defendia um homem preso injustamente, que buscava recuperar a dignidade pela arte. Dois anos depois, vive outro personagem encarcerado... mas, agora, numa prisão muito diferente... a da ganância: Joseph Jackson.

E Coube ao ator dar vida ao patriarca de um clã de aves canoras de onde brotou o maior fenômeno da música pop do século XX: Michael Jackson (1958-2009). O momento não poderia ser mais favorável, visto que “Michael”, dirigido por Antoine Fuqua, acaba de ultrapassar a marca de US\$ 1 bilhão nas bilheteiras mundiais, tornando-se a cinebiografia musical de maior sucesso da história. O êxito eleva ainda mais o prestígio de Domingo, que vive uma das fases mais férteis de sua carreira.

Nascido na Filadélfia, vencedor de um Emmy, de um Olivier Award e de dezenas de distinções da crítica



‘Sing Sing’ rendeu a Colman uma indicação ao Oscar, em 2025



Na marca dos ETs de Spielberg, em ‘Dia D’

americana, ele soma duas indicações às estatuetas da Academia de Hollywood, por “Rustin” (“Rustin”), em 2024, e por “Sing Sing” (“Sing Sing”), em 2025. Agora, prepara-se

para estrear nas telas brasileiras, em 13 de agosto, com “63 Horas de Pânico” (“Dead Man’s Wire”), de Gus Van Sant, enquanto integra o elenco de “Dia D” (“Disclosure Day”),

Um dos destaques do ‘Dia D de Spielberg’, astro que viveu o pai de Michael Jackson na biopic dirigida por Antoine Fuqua, recém-chegada à marca do bilhão, vive fase de apogeu nas telas

novo projeto de Steven Spielberg.

No turbilhão provocado pelo êxito de “Michael”, Domingo conversou com jornalistas do mundo inteiro, via zoom. Coube ao Correio da Manhã dissecar sua proposta de interpretação ao compor Joe Jackson. “Minha porta de entrada para Joseph foi contextualizá-lo em seu tempo. Era um homem do Arkansas, operário de uma siderúrgica, pertencente à geração marcada pela Guerra do Vietnã. A maneira como ele entendia o amor pela família era muito diferente da visão contemporânea que temos”, disse Colman.

Em vez de partir da imagem pública do pai abusivo eternizada por décadas de reportagens e depoimentos, Domingo preferiu buscar referências pessoais. “Olhei muito para meu padrasto. Ele fazia parte de uma geração que acreditava que o papel do homem era prover susten-

to, impor disciplina e dar estrutura à família, enquanto à mãe cabia oferecer carinho e acolhimento. Joseph entendia que amor significava rigor, estrutura e disciplina. Era assim que ele demonstrava afeto.”

A chave da composição foi inverter o ponto de vista. “Quando passei a enxergar Joseph pelos olhos dele próprio, precisei vê-lo antes de tudo como um pai de nove filhos. Um homem que queria sustentá-los e que percebeu um talento extraordinário naquelas crianças. Talvez ele não tivesse muito a oferecer, mas queria extrair delas o melhor que podia. Se isso parece autoritário ou amoroso depende de quem observa. Na cabeça dele, estava fazendo o melhor possível.” Assim, a leitura de Domingo foge deliberadamente do maniqueísmo: “Todo mundo gosta de transformar alguém em vilão”, disse, sorrindo. “Mas todas as pessoas têm complexidade e nuances. Essa era justamente a tarefa.”

Esse esforço exigiu meses de pesquisa. O ator descobriu um Joe Jackson muito diferente daquele cristalizado pela cultura popular. “O que mais me surpreendeu foi seu senso de humor”, revelou. “Convivendo com Jaafar Jackson, com Marlon e com alguns netos, ouvi histórias deliciosas. Descobri vídeos em que ele brincava com os netos, inventava apertos de mão especiais e se divertia sendo aquele avô que todos conheciam. Vi um homem comum sentado ao lado da esposa Katherine, cercado pela família.”

Para desaparecer sob Joe Jackson, Domingo enfrentou duas horas e meia diárias de maquiagem protética, alterando sobrancelhas, nariz, testa, contornos do rosto e até a cor dos olhos por meio de lentes especiais. “Era quase uma máscara. O desafio foi justamente atuar menos. Encontrar Joseph apenas pelo olhar”, lembra o ator.

Enquanto Antoine Fuqua lhe ensinava a pensar emocionalmente os movimentos de câmera durante as apresentações musicais, Spielberg lhe oferecia outra lição no set de “Dia D”. “Steven conduz tudo com uma alegria contagiante. Antoine trabalha em silêncio e intimidade com os atores. Os dois me ensinaram muito sobre como a câmera pode dançar junto com as emoções”, explica o astro, que volta este ano às telas com o suspense “An Innocent Girl”, sob a direção do espanhol Jaume Collet-Serra.

Com “Michael” transformado num fenômeno global e uma continuação já confirmada, Domingo acredita que o sucesso vai além da nostalgia.

“Precisávamos de um filme que reunisse as pessoas novamente. A música continua sendo um dos maiores conectores da humanidade”, celebra Colman. “Podem dizer muitas coisas sobre Michael Jackson, mas ninguém pode negar o impacto permanente que ele teve na nossa cultura. É isso que está levando gerações diferentes ao cinema para celebrar juntas”.

CRÍTICA FILME | ODISSEIA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Universal Pictures



O gênio indomável de Odisseu

Emprestado ao cinema pela Poesia, o dilema ontológico e político transformado em espetáculo fílmico por “A Odisseia” evoca versos de Mário Faustino (1930–1962), o mesmo que iluminou nosso “Terra Em Transe” (1967): “Porém, não se dobrou perante o fato/ Da vitória do caos sobre a vontade/ Augusta de ordenar a criatura/ Ao menos: luz ao sul da tempestade/ Gladiador defunto, mas intacto/ (Tanta violência, mas tanta ternura) / Jogou-se contra um mar de sofrimentos”. Essa parece ser a realidade de Odisseu, personagem que conduz Matt Damon a um outro patamar, em sua carreira (e na arte), aos 55 anos.

Há 29 anos, quando garimpava papéis de destaque, ele ganhou a atenção de Gus Van Sant, diretor cult que fez dele o herói da classe operária de “Gênio Indomável” (1997): Will Hunting. Era um jovem “chave-de-cadeia” que disfarçava na brutalidade o QI de Einstein com que nasceu, capaz de aplicar a fórmula de Bhaskara nos mais indecifráveis valores do Xis.

O roteiro foi desenvolvido pelo próprio Damon com o colega ator Ben Affleck. A brodagem deles segue firme e forte até hoje, rendendo até um estúdio para produções independentes que fundaram em 2023, o Artists Equity. Segue firme também a fama desse longa de Van Sant, que estabeleceu a (boa) reputação do astro e o associou ao arquétipo “dos que carregam cemitérios na cabeça”, como o próprio Fautino escreveu: “Houve silêncio até para escutar-se/ O germinar atroz de



Em busca de poder, Antinoo (Robert Pattinson) é a encarnação da vilania em Ítaca

uma desgraça”.

Damon tem falas dignas de nota em “The Odyssey”, título original dessa produção de US\$ 250 milhões, entre elas: “Todo homem vê melhor olhando de baixo”. Seu personagem, Odisseu/Ulisses, passou décadas sobre as ondas (como os seres errantes cantados por Faustino), longe do trono de Ítaca - província da Grécia de Homero, lá do século VIII -, para cumprir missões. Deixou sua amada Penélope (Anne

Hathaway, divina em cena) para trás e não viu seu filho, Telêmaco (Tom Holland), crescer.

Foi à Tróia no ventre oco de um cavalo de madeira, fez a guerra que tinha de fazer e, depois, enfiou-se numa série de perigos, entre sereias e um ciclope. Perdeu soldados a rodo. Alguns... ele deixou no fio da guilhotina. Era preciso, pelo que o ethos bélico requeria, e ele fez. Mas o peso hoje bate. Como pesam os fantasmas de Will Hunting, o gênio

de Van Sant.

Ao longo das quase três décadas que separam “Gênio Indomável” de “A Odisseia”, Damon fez muita coisa boa, sobretudo “Os Infiltrados” (2006), de Scorsese; “Perdido Em Marte” (2015), de Ridley Scott; e a franquia Jason Bourne (2002-2016). Com o próprio Nolan, fez “Interestelar”, em 2014, e o majestoso “Oppenheimer”, de 2023, no qual a tessitura de personagem de seu Odisseu encontra eco.

Não esqueça de que o longa-metragem que oscarizou Cillian Murphy partia de um homem (o físico J. Robert Oppenheimer) que enxergava nas ciências matemáticas a única forma de equalizar o mundo... aparando as arestas imperfeitas do ódio institucional, até o momento de essa sua crença fabricar a bomba atômica. Depois da fabricação, detonou-se a morte... na forma de um cogumelo atômico que ceifou multidões. E desse fungo de fuligem, choro, chuva ácida e câncer, veio a culpa.

Oppenheimer e Odisseu são heróis culpados, com o fardo “do mar de sofrimentos” que o poema de Faustino apontou. A diferença é que o nobre encarnado por Damon faz de seu pesar um ariete. E Nolan, na sua direção mais madura, dá uma ajuda e tanto a ele, convertendo o que começa como um misto de thriller política com tons de alegoria existencial numa épica de revanche à la “Ben-Hur” (1959). Existe até um Messala, o vilão que quizilava Charlton Heston nas bigas.

O Messala de “A Odisseia” é Antínoo, burguesinho de Ítaca que ambiciona desposar a rainha Penélope, sob a hipótese de ela estar viúva, diante da ausência longa de seu amado. Essa cascavel foi confiada a Robert Pattinson, o atual Batman, que interpreta com ar de velhacaria, almejando ter poder sem fazer esforço. Cabe a ele o desenho arquétipo da vilania num espetáculo cinematográfico que desafia rótulos. É uma atuação luminosa que, na versão brasileira do filme, ganha novos e agônicos contornos com a dublagem de Wendel Bezerra, um gênio de sua profissão.

CRÍTICA LIVRO | QUEIMEM O VELHO!

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Baseado na
crueldade real

O jornalista Luís Pimentel já perdeu a conta de quantos livros publicou desde que trocou a Bahia pelo Rio de Janeiro, há mais de quarenta anos. Era ator e dramaturgo, então, pretendia continuar no teatro, mas o jornalismo aconteceu em sua vida. Passar por quase todas as redações de revistas, televisão e jornais da cidade, abraçou a atividade e continuou escrevendo, tendo perdido a conta de quantos livros publicou – romances, crônicas, contos, poesia, infanto-juvenis, sobre música e teatro – por diversas editoras.

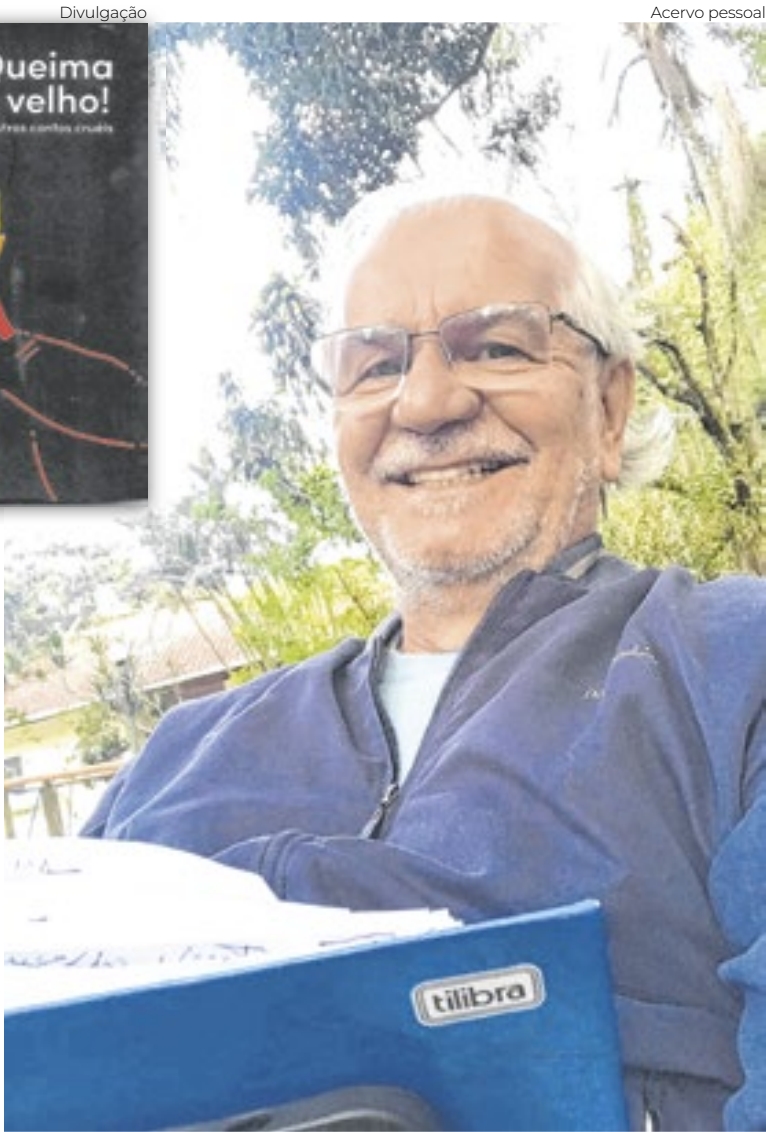
Agora, chega às livrarias “Queima o velho! e outros contos cruéis”, (Dromedário, R\$ 60), no qual enfoca situações para as quais os moradores das megalópoles fecham os olhos, única maneira possível de continuar a viver diante da violência e miséria.

A reflexão sobre o desalento da velhice, a resiliência de quem enfrenta a solidão e a total falta de recursos financeiros que só permite sobreviver e não ter uma existência digna são temas que perpassam as 24 histórias,

Ainda que ficcionais, os contos de Luís Pimentel em ‘Queima o Velho!’ são crônicas de nossa era que faz da pobreza um defeito pessoal



que parecem acontecer na calçada em frente à casa do leitor. Além das vítimas da desigualdade social, protagonizam seus contos os doentes mentais e tantos outros que sofrem com a negligência, a indiferença e o desprezo da população mais favorecida. Embora sejam todos criações ficcionais, os contos também constituem crônicas de nossa era em que a pobreza se torna uma mácula pessoal dentro de um universo que glorifica as conquistas financeiras, a ostentação da riqueza e promove um falso hedonismo simbolizado pela acumulação de artigos de luxo.



“Não vejo crueldade nesses textos. São fatos do cotidiano adaptados para a literatura”, acredita Pimentel, cuja obra literária lhe garantiu prêmios nacionais como o II Prêmio Candango de Literatura, Literatura Para Todos, do MEC, Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura, Prêmio Cidade de Belo Horizonte de Dramaturgia, e o 200 Anos de Independência, do Minc. Em 2021, recebeu em Sintra, Portugal, o Prêmio Ferreira de Castro de Ficção Narrativa pelos contos de “Ainda tem sol em Ipanema”.

Baiano do sertão, criado em Feira de Santana, Luís Pimentel não situa o cenário de suas narrativas, porém lá estão os elementos da cidade grande, que nem sempre aparecem, mas são espelhados no dia a dia dos personagens. Quem se ressentido de estar só, lamenta o quanto a família se dedica a tantos afazeres que impedem o convívio de pais, filhos, avós e netos. Os jovens “bem-nascidos” só querem se divertir ao torturar um morador de rua. Outro tema que perpassa os contos é o distanciamento entre idosos e pessoas de outras faixas etárias, um traço comum nesta época de culto à eterna juventude, quando adultos se submetem a infinitas intervenções para manter as feições e os corpos com a aparência jovial.

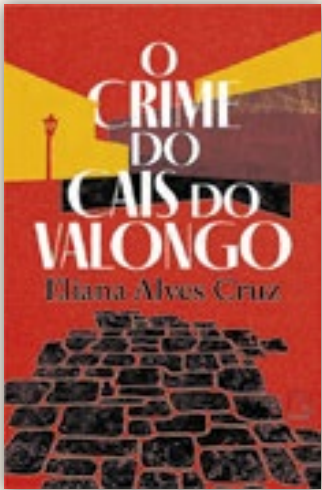
O lançamento de “Queima o Velho!” é na sexta (24), às 19h, no bar Bip Bip (Rua Almirante Gonçalves 50, Copacabana).

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

MISTÉRIO NO VALONGO

A nova edição de “O crime do Cais do Valongo” (Record, R\$ 59,90), de Eliana Alvez Cruz, inaugura a coleção Crimes Coloniais, que a autora vai lançar com o livreiro Nuno Moutinho à frente de investigações no Brasil Colônia, mesclando narrativas de suspense com realismo fantástico. O segundo volume pretende difundir e aprofundar a história da escravidão no país e sairá em janeiro. Publicado em 2018, “O crime do Cais do Valongo” entrelaça as trajetórias do livreiro Nuno e da moçambicana escravizada, Muana Lomué, tendo como eixo o assassinato de um comerciante no principal porto de entrada de africanos nas Américas, espaço de silenciamento e violência.



MISTÉRIOS DA VIDA EM POESIA

Com mais de quinze livros de poesia publicados, o carioca Tanussi Cardoso discorre sobre maturidade, vivência e finitude em “Absurdo coração” (Patuá, R\$ 60), que traz poemas densos, separados em duas partes: “Dentes cravados no tempo” e “O tempo que nos habita”, nas quais busca esclarecer o mistério da vida, expondo a saudade dos que morreram. Em quase todos os textos, os opostos de situações, sentimentos, impressões e intenções são apresentados concretamente, como em “Luz nas sombras”, que fala do “jovem cego sorridente e livre” que tateia o chão com a bengala, em contraponto ao poeta que, triste, a tudo enxerga e sabe mais “da escuridão e seus limites”.



BANCANDO O DETETIVE

Depois que a série “Murdle” vendeu mais de 60 mil cópias no Brasil, desde 2024, a editora Intrínseca volta a investir no filão dos livros-jogos. “Léa não é a culpada” (R\$ 39,90), fenômeno editorial na França, que permaneceu semanas em primeiro lugar nas vendas da Amazon desde seu lançamento, em abril, chega ao mercado brasileiro para desafiar os leitores a descobrirem o assassino do professor Armand Duval, encontrado morto em seu apartamento em Paris. Quem quiser se aventurar a desvendar esse mistério vai precisar ter excelente visão, pois as pistas são todas ligadas a cerca de 40 mil nomes impressos em mais de 200 páginas. O segundo volume sai em agosto.



GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Esperança Eco



Brota



Cardin



Oseille

A bola da vez é vermelha

Dos pratos às passarelas, o tomate virou protagonista da temporada

Se antes era apenas um coadjuvante na cozinha, agora o tomate conquistou o papel principal. Fresco, assado, confitado ou em receitas que valorizam sua doçura e acidez naturais, ele aparece como estrela de diversos pratos nos restaurantes cariocas. A tendência é tão forte que ultrapassou a gastronomia e chegou à moda: a grife carioca Farm lançou uma coleção inspirada no fruto, com estampas de maxi tomates que viraram destaque da temporada. Nas mesas, o tomate protagoniza desde pizzas até massas, bruschettas e preparos sofisticados, mostrando que um ingrediente simples pode ganhar status de estrela quando valorizado pela criatividade dos chefs. Confira as sugestões abaixo:

Bento Pizzeria Napoletana - Entre as sugestões da pizzeria, está a redonda Marinara (R\$ 49), uma receita feita com molho pomodoro pelati, alho fresco laminado, orégano siciliano e azeite extravirgem. Rua Afonso Pena, 71 - Loja c - Tijuca. Tel: (21) 99703-3202.

Brota - O tomate aparece com destaque nas Brotinhas (R\$ 38) dupla dos clássicos bolinhos fritos de arroz integral feitos pela chef Roberta Ciasca, com recheio de tomate, pesto e azeitonas e/ou wasabi com chutney de manga. Rua Conde de Irajá, 98 - Botafogo. Tel: (21) 97406-0905.

Cardin - Acaba de entrar no menu de café da manhã da casa os Ovos Shakshuka (R\$ 50), cozidos e servidos com molho pomodoro, queijo meia cura da Canastra derretendo delicadamente, folhas frescas de manjeriço e torradas sourdough crocantes para acompanhar. Rua Constante Ramos, 44 - Copacabana. Tel: (21) 96703-5262.

Esperança.Eco - A casa abriu um novo capítulo de sua história em La-



A grife carioca Farm lança coleção com estampa de tomates



Maya Café



Bento Pizzeria Napoletana

ranjeiras com a mudança de endereço para um lugar mais amplo. Junto com isso, novidades chegaram para reforçar a proposta de gastronomia veggie da chef Verônica Moreira. Entre elas está a entrada “comfort food” com tomates assados com alho, tomilho e alecrim sobre coalhada seca e dukkah, servidos com fatia de sourdough (R\$ 39). Rua General Glicério 224, loja B. WhatsApp: (21) 97134-7945.

Mäska - No restaurante contemporâneo, em Ipanema, o Spaguetti Marinara (R\$ 79) leva tomate em dose dupla, com molho de tomate assado e pesto de tomate, além de manjerona e muçarela Fazenda Vermelha. Rua Joana Angélica, 159 - Ipanema. WhatsApp: (21) 99997-0250.

Maya Café - A casa preza por insumos frescos e sem temperos artificiais, há 19 anos em Laranjeiras. No capítulo de bruschettas do menu, opções como a de Pomodoro, feitas com tomates, azeite e manjeriço (R\$ 33 - 2 un). Rua Professor Ortiz Monteiro 15B - Laranjeiras. Tel: (21) 98895-9280.

Oseille - No menu degustação (R\$ 750) do estrelado restaurante do chef Thomas Troisgros, em Ipanema, um dos pratos servidos é o tartare de tomate com crocante de alga e arroz. Rua Joana Angélica, 155 - Ipanema. Reservas: <https://www.exploretock.com/oseille>



Mäska